

# Espaços em trânsito em Ferreira Gullar: exílio e pertencimento em Rabo de foguete

Thaís Viegas de Pinho<sup>23</sup>  
Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

Márcia Manir Miguel Feitosa<sup>24</sup>  
Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

## Resumo

Este estudo parte das relações com o espaço vivenciadas pela personagem Ferreira Gullar durante os anos em que esteve exilado em outros países por conta do Regime Militar que se instaurou no Brasil durante os anos de 1964. Tendo em vista o exílio e a impossibilidade de retorno, temos uma personagem que transita por entre espaços em busca de acolhimento, até que seja possível retornar para o Brasil. A Ditadura Militar durou por mais de três décadas, quem buscou exílio em outro país vivenciou uma vida clandestina e anônima. Buscamos, assim, com este estudo compreender a forma como a personagem em *Rabo de foguete: os anos de exílio* (2010) se relaciona com o meio, desde a abrupta separação de seu lugar de origem aos espaços percorridos. Para que esta análise seja possível, recorreremos como aporte teórico a Yi-Fu Tuan em *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência* (2013), a Éric Dardel com a obra *O homem e a terra: a natureza da realidade geográfica* (2015), a Edward W. Said com *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios* (2003), a Alexis Nouss em *Pensar o exílio e a migração hoje* (2020) e, por fim, a Miriam L. Volpe com *Geografias de exílio* (2005).

## Palavras-chave

Exílio. Espaço e Lugar. Ditadura Militar. *Rabo de Foguete*.

---

<sup>23</sup> Mestranda pelo programa de Pós-graduação em Cultura e Sociedade da Universidade Federal do Maranhão – UFMA, com Bolsa CAPES. Graduada em Letras com habilitação em Espanhol pela Universidade Federal do Maranhão. Membro do Grupo de Estudos de Paisagem em Literatura - GEPLIT.

<sup>24</sup> Professora Titular do Departamento de Letras, com Doutorado em Letras (Literatura Portuguesa) pela Universidade de São Paulo. Bolsista de Produtividade do CNPq – nível 2. Pós-Doutora com bolsa CAPES, pelo Programa Ciência Sem Fronteiras, em Estudos Comparatistas na Universidade de Lisboa. Líder do Grupo de Estudos de Paisagem em Literatura - GEPLIT.

## Introdução

*Hoje, ao refletir sobre aqueles momentos, estou certo de que o poema me salvou: quando a vida parecia não ter sentido e todas as perspectivas estavam fechadas, inventei, através dele, um outro destino.*  
(Ferreira Gullar)

Assim como outros intelectuais que viveram os anos sombrios, o escritor maranhense Ferreira Gullar foi um dos muitos pensadores que presenciou a dureza do regime civil militar, representando uma ameaça à ordem do sistema. Vinculado ao Partido Comunista do Brasil, seu nome foi fortemente ligado à oposição e, por essas circunstâncias, Gullar foi perseguido e exilado em um outro país para fugir da repressão. A obra *Rabo de foguete: os anos de exílio* (2010) narra as experiências do escritor durante o período em que esteve fora do Brasil, exilado para fugir da dureza da ditadura civil militar. Publicada pela primeira vez em 1998, a escrita de Ferreira Gullar revela os resquícios deixados pelo golpe de 64, sob a influência do medo de tratar desse período obscuro da história do Brasil.

*Rabo de foguete* foi escrita depois de 10 anos após o fim da ditadura civil militar, uma obra que carrega a memória das dores, dos medos e dos terrores de um período obscuro da nossa história nacional. Até que tudo passasse, até que o Regime chegasse ao fim, ainda se perpetuariam as sombras daqueles dias no silêncio mórbido das vítimas e sobreviventes. Gullar foi um dos que esperou e eclodiu de dentro para fora o que havia guardado daqueles dias, revisitando os espaços transitórios através da memória, assim como sentimentos e traumas. Um homem que, assim como tantos outros, perderam a sua liberdade e o direito de cidadão livre por conta de questões políticas e que, a partir disso, passaram a viver como clandestinos em outros espaços.

Uma das especificidades semânticas do exílio tem a ver com aquilo que ele desencadeia no plano do espaço. [...] o exílio não se liga a um único espaço (de origem ou de acolhimento) de significação, mas encontra-se bipolarizado, fundando sua realidade tanto na partida como na chegada (NOUSS, 2020, p. 28).

Partindo desse pressuposto trazido por Alexis Nouss, há algo específico no exílio, uma ligação do sujeito com o espaço de partida e com o de chegada, uma bipolarização desse espaço. Podemos compreender *Rabo de Foguete* como uma narrativa exílica, visto que as relações da personagem principal com o espaço são dúbias. No tempo em que ele experimenta o novo que lhe desperta medo e insegurança, ele anseia pelo espaço que foi deixado para trás, cuja representação é oposta, a de

segurança. No entanto, apesar de o espaço de partida ter toda essa representação de casa, possuir os vínculos afetivos e da pátria, por conta da mudança no sistema político, deixa de ser seguro e passa a ser instável. Na obra, a personagem, depois que foge do seu país de origem, transita por diferentes países e, em cada um deles, vivencia uma história e uma experiência de exílio diferentes.

O que aconteceu no Brasil nos anos de 1964 é um retrato de um país que se perdeu nas fissuras de uma política extremista, como também de um governo que se estabeleceu por meio de um golpe que deixou danos irreparáveis. Em 1 de Abril de 1964, o país acordou sob a instauração do regime militar, um período da política brasileira que durou um pouco mais do que duas décadas e só teve fim em 15 de março de 1985, quando José Sarney assumiu a presidência. A Ditadura Civil Militar teve início com a queda do governo de João Goulart, fragmentando o sonho de uma democracia e indo de encontro a um governo autoritário e nacionalista. A obra *Forças Armadas e política no Brasil*, de José Murilo de Carvalho (2006), traz uma perspectiva do que foram os desdobramentos políticos que culminaram nesse período de hostilidade, assim como perpassa pela realidade dos atos institucionais acometidos pelos militares, como a tortura e a desumanização de pessoas. Esse período deixou marcas profundas e feridas incuráveis em todos aqueles que se opuseram ao sistema político autoritário:

No dia seguinte, 1º de abril, já não havia dúvida sobre a vitória do golpe. Saí em companhia de colegas a vagar pelas ruas de Belo Horizonte, todos nós meio perdidos, sem entender bem o que se passava, com a sensação de que o céu desabara sobre nossas cabeças. Contemplávamos, perplexos, a alegria dos que celebravam a vitória e assistíamos, assustados, ao início da violência contra os derrotados. Alguns alunos da faculdade, partidários do golpe, andavam armados pela cidade caçando os colegas de esquerda. O sonho do socialismo esboroava-se como um castelo de areia (CARVALHO, 2006, p. 118).

Nesse trecho da obra de José Murilo de Carvalho, “o Golpe”, ou como o próprio autor descreve em sua obra, “a vitória do golpe”, pôs fim a esta utopia democrática, dando início aos anos de padecimento. Enquanto se regavam sonhos, as raízes do fascismo já estavam crescidas nos solos desta nação. Uma parte importante de se perceber no texto de Carvalho é como em 1º de abril havia pessoas que, além de comemorem o golpe, saíram à caçada da famigerada esquerda. Um indício de que naquela época havia pessoas que, de fato, se afeiçoavam à ideia da Ditadura, assim como facilmente praticavam atos de violência, banalizando os direitos de individualidade de cada cidadão. Ares do autoritarismo embasados na desculpa do tão temido alerta vermelho.

Para o desenvolvimento dessa reflexão, este estudo se fundamenta em teóricos como Yi-Fu Tuan em *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência* (2013) para tratar das experiências da personagem exilada com o espaço transitório em que buscou refúgio durante os anos de repressão da Ditadura Militar, além de Éric Dardel com a obra *O homem e a terra: a natureza da realidade geográfica* (2015) para embasar as relações do homem com o espaço e sua geograficidade. No tocante à temática do exílio, uma das principais temáticas da obra em questão, buscaremos compreender as relações de um indivíduo em situação de exílio com o espaço pelos quais transita, tendo como base autores como Alexis Nouss em *Pensar o exílio e a migração hoje* (2020) e Miriam L. Volpe, com *Geografias do exílio* (2005). Além de José Murilo de Carvalho em *Forças Armadas e Política no Brasil* (2006) no que diz respeito à abordagem da Ditadura Militar de 1964.

### **1 Rabo de foguete: o relato de quem vivenciou a fuga como meio de sobrevivência à perseguição política**

A perseguição política nunca teve bases concretas, nem motivos justificáveis, além do autoritarismo e da ignorância: “Foram duas grandes surpresas. A primeira, imediata, atingiu a todos, esquerda e direita: a facilidade da vitória dos conspiradores. Para os golpistas, foi boa notícia, para a esquerda, foi um choque” (CARVALHO, 2006, p. 118). Mas também havia a ingenuidade daqueles que acreditavam que o Golpe nunca seria possível. Uma esperança que conspirava com a utopia de uma política livre do extremismo. A fragmentação da pequena democracia nascente. Uma longa caminhada se faria para que uma democracia pudesse ser retomada, o que não poderia ser previsto pelos olhos de quem viu a Ditadura se instaurar:

A responsabilidade principal pelo golpe foi dos que o deram e não dos que o sofreram. Os vencedores contaram, no entanto, com a ajuda dos perdedores. Como um Ulisses às avessas, a esquerda tinha criado suas próprias sereias a cujo canto sucumbiu. Não foi preciso um Zeus para as enlouquecer. (CARVALHO, 2006, p. 126).

Segundo Carvalho, 31 de março de 1964, dia em que se iniciam os eventos do golpe, não foi marcado por nenhum tipo de manifestação, nem de movimentos populares, nem da esquerda, quaisquer formas de manifestação que pudessem ter alguma relevância. A esquerda deixou o monstro crescer em sua inércia, assim como

todo o país e todos aqueles que fragilizaram a democracia. Não havia agitação que pudesse reagir às rápidas mudanças políticas, ninguém reagiu, tudo apenas aconteceu. A própria esquerda não valorizava a democracia, nem recorreu a ela para promover uma reforma social. Como o trecho aqui citado, os perdedores estavam ludibriados pelas suas próprias sereias. São profundas as cicatrizes e incuráveis as feridas que foram causadas pelo regime militar. O trauma recorre ao silêncio como subterfúgio para uma realidade indigesta. Quem presenciou os desdobramentos da história naqueles anos jamais poderá esquecer o que foi a Ditadura Militar no Brasil.

*Rabo de foguete: os anos de exílio* (2010) possui uma divisão específica que reflete as experiências do autor com os momentos e lugares vividos. Sendo organizada em quatro partes, cada uma dela corresponde a um período vivenciado por Ferreira Gullar em determinado espaço e as relações construídas. Cada um desses momentos vividos pelo escritor se desenrolou de uma forma, provocaram determinados sentimentos e sensações, que vão desde a instabilidade ao medo, a falsa sensação de estar em casa, mesmo estando em um território estrangeiro. Tendo em vista todas as questões pertinentes ao exílio e à transitoriedade da personagem central, iniciaremos essa análise a partir da despedida caótica de Ferreira Gullar, do momento em que se instaura a ditadura e do rompimento com o lugar até as passagens por terras desconhecidas e o desconforto do anonimato.

Segundo Mirian Volpe, o homem tem essa necessidade de permanecer em seu espaço. Talvez por esse motivo o rompimento dessa permanência seja algo tão doloroso e traumático:

[...] o ser humano precisa sentir uma permanência, uma estabilidade que lhe dê a confiança necessária para uma existência normal, apesar das idas e vindas da vida, no poder de ser ele mesmo, mas também no sentimento de pertinência ao lugar ou a comunidade onde ele nasceu. (VOLPE, 2005, p. 20).

O ser humano tem a necessidade de sentir a permanência em seu lugar de origem, o que envolve tanto a sua identidade, quanto a segurança que esse vínculo transmite; estar e permanecer em seu espaço é estar seguro.

De repente, tudo mudou de forma abrupta, como um colapso. Gullar já não era mais um cidadão livre, mas um subversivo. Em questão de dias, foi necessário se distanciar de tudo que representava um laço afetivo porque a sua presença implicava correr riscos. Quando a Ditadura Militar se instaurou no país, todos aqueles que possuíam alguma ligação com a oposição, ou ao partido comunista, que representava a

esquerda progressista, tiveram que abdicar do direito à liberdade. Mas não só estes, foram muitos e inúmeros casos de intelectuais, professores, pensadores, poetas, músicos, todo aquele que fomenta e incita o pensamento sofreu com a repressão. Ferreira Gullar foi um desses. *Rabo de foguete* é um relato doloroso de um homem que viu o chão escapar de seus pés e teve que percorrer por espaços incertos para continuar vivo. O lugar seguro, essa segurança de que o homem tem necessidade, já não é mais sentida. O momento da despedida é o instante em que a personagem se dá conta de que sua vida não seria mais a mesma; que, por questões políticas, ele seria um clandestino em seu próprio país:

Despedimo-nos. No caminho para casa, refleti e me considerei vítima da incoerência do partido que insistira em me eleger à direção estadual, clandestina, quando eu atuava muito bem na legalidade. Agora, enquanto todos os demais membros do comitê cultural iam poder responder ao processo normalmente, eu teria que mergulhar na clandestinidade (GULLAR, 2010, p. 10).

Gullar tinha certo envolvimento com o partido comunista. Além de ser um intelectual, ele foi alçado à direção estadual do partido. Por mais que houvesse uma forma de desfazer tudo isso, toda essa responsabilidade, não haveria formas de escapar do estado totalitarista se não fosse vivendo em anonimato em sua própria terra. É neste momento que a saga transitória da personagem se inicia, quando ele descobre os rumos políticos de seu país e compreende que permanecer, mesmo pertencendo, não era mais seguro. Gullar é o único da sua família que precisou tomar medidas tão drásticas e, com a ajuda de amigos, se manteve no Brasil até onde fora possível. Durante esse período, Gullar peregrinou por espaços incertos, foi abrigado por Dona Mayna (sua sogra) em um pequeno quarto e se escondeu durante um bom tempo em uma vida clandestina:

Dona Mayna, mãe de Thereza, morava sozinha. Alopei-me no pequeno quarto, que fora de seu filho, agora casado pela segunda vez. Embora nos entendêssemos muito bem, não me sentia inteiramente à vontade, mesmo porque minha presença ali implicava certo risco para ela. De fato, aquela era uma solução provisória que aceitara por me permitir sair logo de casa sem parecer estar mergulhado definitivamente na clandestinidade (GULLAR, 2010, p. 11).

Segundo Mirian Volpe, essa experiência de viver um exílio dentro do seu próprio país possui um termo específico: “[...] ao exílio residencial, insílio, de cunho sociológico, sofrido por parte do povo espanhol que ficou no país, em relação a esse vazio” (VOLPE, 2005, p. 20). O insílio é o processo de exílio dentro do próprio espaço de pertencimento, é uma de marginalização do sujeito, um exílio interno por conta de

algum estranhamento político e sociológico com a sua própria nação. Os primeiros relatos de Gullar são uma experiência insílica, pois o escritor precisou se esconder dentro do seu próprio país e ocultar a sua identidade para se proteger da perseguição política. A instabilidade e a insegurança estavam cada vez mais severas, o lugar já não era mais o mesmo, havia mais que um estranhamento, na medida em que o lar passa a ser uma ameaça a sua própria existência.

Sejam aqueles que partem, sejam os que ficam, o exílio ou a experiência de insílio muito têm a ver com o sentimento de banimento e solidão. O exílio pode ser compreendido como uma experiência humana inerente à modernidade, um fenômeno que se tornou comum na América Latina devido às ditaduras que se instauraram em países como o Brasil, a Argentina e o Chile. O exilado é um indivíduo que deixa o seu espaço por diferentes razões, mas principalmente pelo direito à vida e, portanto, cruzar as fronteiras chega a ser uma questão de sobrevivência. A desumanização em sistemas totalitaristas é um dos principais fatores para que o exílio seja uma alternativa comum. O inóspito abandono do seu espaço, rumo à incerteza do improvável, só passa a ser uma saída quando em situações extremas, quando a garantia do direito à vida é ameaçada. O exílio contemporâneo produz indivíduos que perderam o seu espaço, que não se reconhecem mais em outros e que não podem retornar para o seu lugar de origem.

O exílio não só é uma experiência de deslocamento, como uma incerteza de vida. Quem passa por esse processo, carrega as marcas profundas do rompimento com o seu espaço e a dureza de não pertencer mais a um lugar: “O exílio nos compele estranhamente a pensar sobre ele, mas é terrível de experimentar. Ele é uma fratura incurável entre um ser humano e um lugar natal, entre o eu e o seu verdadeiro lar: sua tristeza essencial jamais pode ser superada.” (SAID, 2003, p. 46). Segundo Said, o exílio não é somente um distanciamento agressivo do lugar de origem, mas também implica a identidade, o eu que ele chama de “verdadeiro eu” e o lar. O homem está ligado ao lar tanto por sua afetividade, quanto por sua identificação com o lugar.

Conforme Yi-Fu Tuan<sup>25</sup> em *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência* (2013), o espaço implica movimento. Por mais que houvesse uma ligação de parentesco com as pessoas que faziam parte daquele meio, o quarto que foi cedido ao escritor no

---

<sup>25</sup> Dois conceitos importantes para Yi-Fu Tuan precisam ser esclarecidos. O primeiro é o que se refere ao “espaço”, o segundo é o “lugar”. O lugar associa-se ao pertencer e o espaço à liberdade que se anseia. O *lugar* tem a ver com o sentimento de segurança e pertencimento, enquanto que o *espaço* com o de liberdade. A casa pode ser um lugar, um quarto, uma cidade porque existe uma relação de afetividade, memórias e identificação. Na ausência dessas relações, temos o espaço.

início da sua jornada clandestina não possuía o mesmo valor que o lar. Primeiro porque ele pertencia ou pertenceu a uma outra pessoa, não havia identificação. Segundo que era um espaço provisório, como tantos outros que viriam mais adiante. Devido à condição de exílio, permanecer por tempo demais em determinada localidade não era garantia de segurança. Isso é perceptível ao longo da obra: o clima constante de instabilidade e incerteza, medo ser pego a qualquer instante ou, pior do que isso, o medo de pôr em risco não só as pessoas que o acobertaram, mas também a sua família e os que possuíam filiação política. O espaço para o exilado, seja ele qual for, será sempre um espaço transitório:

A história de vida para um sujeito exilado não é um luxo. Fique ela circunscrita ao domínio do privado ou manifesta-se publicamente, seja organizada ou tenha lacunas, a narrativa do percurso exílico é fundamental para servir de âncora a uma subjectividade que, para desenvolver-se, não pode contar com nenhum enquadramento externo – discurso ou social –, rígido, pois o caminho do exilado impede-o de identificar-se plenamente com as referências culturais do lugar de origem como do lugar de acolhimento (NOUSS, 2020, p. 36).

Caber em espaços improvisados, transitar por entre o perigo, ocultar a identidade, essas são as condições de quem está em exílio. Gullar permaneceu no Brasil durante algum tempo, mas, devido ao estreitamento do círculo, que cada vez mais parecia se fechar ao seu redor, decidiu abandonar a sua pátria. Sob o ponto de vista de Alexis Nouss, esse percurso da narrativa exílica é um tanto complicado, pois fica muito evidente a situação do exilado se ele, por um acaso, revelar o seu país de origem, ou o seu nome, para quem tinha conhecimento da situação que acontecia no Brasil. Na América Latina como um todo, qualquer revelação poderia colocar tudo a perder. A todo instante, tudo poderia ir por água abaixo, bastava que uma pessoa fosse pega para que o paradeiro das outras fosse logo denunciado. A ideia de lugar, lar e segurança se torna cada vez mais distante:

Poucos dias depois da visita de Luciana, recebi um telefonema de Thereza. Estava aterrorizada.  
-Vai embora daí agora.  
-Por quê? O que aconteceu?  
-Não posso falar muito, estou ligando da rua. Eles estiveram lá em casa. Entraram armados, ameaçaram Luciana e sequestraram.  
-Te sequestraram?  
-Depois eu conto direito. Sai daí agora! (GULLAR, 2010, p. 11).

A insegurança, o medo e os relatos de violência tornavam o país cada vez mais inviável para a vida. Quando Thereza telefona para Gullar clandestinamente, é para manter a salvo tanto a sua integridade física, quanto para tornar dificultosa a sua

localização. A comunicação por via telefone se tornava cada vez mais difícil e qualquer informação que fosse dada a quem traía o seu país era também considerada um crime. “Vai embora daí agora” é um pedido que soa como uma ordem, de quem havia sido sequestrada e interrogada pelos militares, de quem sabia o terror e a violência de quem fazia o estado cada vez mais intolerante e totalitarista: “O regime militar se tornava cada vez mais violento e repressivo” (GULLAR, 2010, p. 17) e são justamente por esses motivos que os escritores decidem sair de seu próprio país, em busca de ser acolhidos por qualquer país estrangeiro. No trecho a seguir, o autor descreve o momento em que cruza a fronteira do Brasil com o Uruguai, a fuga da repressão e o início do exílio em terras estrangeiras:

Um dos policiais me cravou um olhar penetrante que me fez estremecer. Com um sinal, mandou que passássemos. Ao chegar ao outro lado do rio, fora do território brasileiro, senti uma estranha e inesperada sensação. Um peso enorme parece ter saído de minhas costas. Eram meses e meses de tensão que terminavam naquele momento (GULLAR, 2010, p. 44).

Ao cruzar a fronteira sobre o rio Jaguarão que divide os dois territórios, Gullar sentia que finalmente a perseguição se findava ali, apesar de que, anos depois, essa sensação não seria mais a mesma. No entanto, naquele momento, em que se passa o assombro da repressão, onde o lar já não é mais o mesmo e o sentimento de pertencimento é tão dúbio quanto as circunstâncias que os levaram até ali, o espaço em que se pisa, desperta uma estranha sensação de liberdade. Cruzar a fronteira desperta na personagem um sentimento de espaciosidade, enlaçada à sensação da liberdade (TUAN, 2013) e esse sentimento ganha tons de liberdade. Liberdade por conta de todo o sufocamento que a repressão e a experiência insídica causavam na personagem. Sofrer o exílio dentro do seu próprio país é transitar como um prisioneiro por entre as frestas dos olhos vigilantes do seu algoz, torcendo para não ser visto.

Um das características do exílio é a saída por questões políticas. Nesse trecho de *Rabo de foguete*, o autor deixa claro a necessidade de enfatizar que abandonar seu país nunca teria sido uma escolha sua, mas uma condição que lhe foi posta. Mesmo estando seguro outra vez, longe da repressão e de toda a violência da ditadura, o apego pelo lar, pelo lugar de pertencimento, sempre estaria à porta: “E senti um aperto no coração: que estarão fazendo a esta hora meus filhos? E meu gatinho Camilo? O verão irrompeu na lembrança, a praia de Ipanema sob o sol ardente, repleta de banhistas, os amigos rindo, a cerveja gelada. Senti-me injustiçado” (GULLAR, 2010, p. 78). A lembrança do lar, dos amigos, do lugar ocupava a mente da personagem, impregnada

pelo sentimento de injustiça. De fato, Gullar era só mais uma das muitas vítimas que a Ditadura Militar fez no Brasil.

Segundo Dardel, esse sentimento que liga o homem a sua terra se explica por meio da geograficidade, conceito que designa este sentimento profundo pelo solo, como uma espécie de cumplicidade existencial que liga o homem à Terra; ou seja, para ser, é necessário estar. O homem se apropria do espaço por meio das suas experiências, é o amor pela terra, por suas origens que definem quem é o sujeito. Por este motivo, o elo com a terra é tão significativo para o homem, porque ela desperta o sentimento de pertencimento:

Conhecer o desconhecido, atingir o inacessível, a inquietude geográfica precede e sustenta a ciência objetiva. Amor ao solo natal ou busca por novos ambientes, uma relação liga o homem à Terra, uma *geograficidade* (géographicité) do homem como modo de sua existência e de seu destino (DARDEL, 2015, p. 1).

Portanto, a geograficidade é esse sentimento de pertencer a um espaço, é o amor pela pátria, pelo solo, pelas origens. De acordo com esse trecho citado da obra de Dardel, este conceito se mistura com a própria existência humana, assim como a identidade, pois o homem está ligado à terra pelo sentimento, pela afetividade ao espaço. Quando pensamos no exílio e na relação que o homem estabelece com o seu lugar de origem, compreendemos a complexidade do sentimento que se desenlaça à medida que um exilado alcança outros espaços e não consegue retornar para o seu original. O homem tende a retornar para os seus espaços por haver laços interligados ao sentimento e às memórias.

O sentimento de orfandade e de deslocamento sempre estará presente na vivência do exilado, mesmo que as condições do seu exílio em outro local sejam favoráveis. O exilado sempre buscará e ansiará pelo retorno. É o que Miriam L. Volpe argumenta acerca do desejo de querer voltar, persistente na vida de quem partiu em exílio, como uma necessidade de ainda manter um elo com as memórias do lugar de origem. O termo que designa essa sensação é o desexílio, que representa a vontade do exilado de retornar ao seu espaço.

No entanto, apesar desse sentimento de pertencimento latente e o anseio pelo retorno, o período em que Gullar passa em Moscou é quase que um hiato em sua história exílica. Os dias são frios e mórbidos, é perceptível a mesmice, até o momento em que Gullar conhece Elôina e se entrega às narrativas de uma paixão efêmera. O sentimento acalenta a alma, toma cada parte que antes era apenas dor, o sofrimento é

silenciado, cedendo espaço para a esperança. Amar Elôina foi como criar uma realidade paralela que ocupava o vazio que o adeus deixou, mas não só isso, trouxe de volta o afeto coibido pela desconfiança e insegurança do exílio. Existiu o calor em meio ao frio russo, calor que só foi possível quando o escritor deixou de lado a sua própria realidade como desertor:

Passava das 10 da manhã quando deixei a casa de Elôina e, flutuando no ar, atravessei o parque em direção ao metrô. Era começo da primavera, as folhas novas já cobriam a maior parte das arvores, a luz da manhã vibrava suave. De tanta felicidade comecei a rir e correr, jogando a bolsa para o alto, até dar com a canela num dos marcos de cimento que limitavam a alameda. Foi um baque forte que me fez segurar a perna e gemer, mas meu coração era só alegria (GULLAR, 2010, p. 112).

Afastado da família, de seu país e até mesmo da sua própria identidade, ocultada pelo sigilo e segurança de todos, a personagem vivencia uma espécie de utopia dentro da sua própria distopia íntima. Apesar de estar em uma terra estrangeira, cujo idioma não é o seu, cujos costumes divergem da sua própria cultura, Gullar se deleita em uma relação com Elôina que torna o espaço familiar. Moscou já não é mais a mesma quando o romance se inicia, nem mesmo Gullar. A personagem se entrega de tal forma a esse sentimento amoroso que, aos poucos, Moscou ganha outros tons, deixa de ser tão fria e solitária. Gullar passa a enxergar vida na cidade e a percebê-la de outras formas. A primavera põe fim ao frio da Rússia e ameniza a dureza dos dias de exílio. Mas a euforia logo termina quando o escritor precisa voltar para a América do Sul:

Estava agora sozinho, em Roma, com meu desamparo. Não havia como fugir. Tirei os sapatos e me estiquei sob o lençol, vestido como estava. “Eu nunca mais vou vê-la”, disse para mim mesmo numa explosão de lágrimas e soluços. “Nunca mais” E me deixei ficar ali, inerte, finalmente rendido a minha dor, as lágrimas escorrendo-me soltas pelo rosto. Não sei quanto tempo durou aquele choro interminável nem em que momento adormeci. Ao acordar, já era noite e eu me sentia vazio, morto, conformado (GULLAR, 2010, p. 141).

O rompimento com Moscou pareceu muito mais doloroso do que com o seu país, mais porque o distanciamento daquele lugar implicava no fim da relação com Elôina. Ou seja, Moscou ganhou outros significados e valores, o espaço agora implica memória, afetividade e vivências amorosas. De volta à América Latina, o escritor passou brevemente pela Argentina até o seu destino final, o Chile. No entanto, assim como no Brasil, o clima político passava por diversas instabilidades e uma nova ditadura era vista cada vez mais próxima. De certo é que Ferreira Gullar presenciou mais de um estado em transição. A experiência no Brasil produziu sério reflexo na vida

do autor durante o tempo em que esteve no Chile: “Não dá mais para viver na América Latina. A cada dia há um golpe militar e nasce uma nova ditadura” (GULLAR, 2010, p. 191). Durante o período em que esteve no Chile, Gullar presenciou uma ditadura nascer, um estado totalitarista que marcou o início dos anos 70 no país:

A poeira não assentava. Ao sair do apartamento descobro que minha porta tinha sido pichada: ao lado de uma cruz gamada, escreveram “fora terrorista!”. Tratei imediatamente de apagar a pichação, e coleí na porta um pedaço de cartolina onde escrevi: “José de Ribamar Ferreira/ Corresponsal extranjero/ Colegio de Periodistas de Chile, inscripción n. 675417” (GULLAR, 2010, p. 177).

Durante esse período, o escritor estava exilado a fim de se esquivar do que ainda acontecia em seu país. Quando a ditadura chilena se iniciou, Gullar mais uma vez se encontrava em meio ao caos; o lugar que parecia representar um pouco de paz se tornou seu próprio cativeiro. Relatado pelo fio da memória na terceira parte do livro, este episódio demonstra uma relação atípica de Gullar com o espaço: a de ser um exilado em um país que ameaça sua existência por conta do que representa em seu país de origem. O lugar de acolhimento se tornou tão hostil quanto o seu de origem, pois bastava que sua identidade fosse descoberta para que o seu fim fosse traçado ali mesmo, distante da pátria e dos seus, como no trecho a seguir:

Dormi assustado. Às seis da manhã acordei com o soar da campainha da porta. Quem podia ser? O toque de recolher começava às seis da tarde e terminava às oito horas do dia seguinte. Para bater em minha casa àquela hora só podia ser a polícia. Desci a escada sonolento e abri a porta: era a polícia (GULLAR, 2010, p. 178).

Mais uma vez, não havia segurança. Era necessário sair do sufocamento provocado pelo espaço. O terrível desencontro com os amigos, as notícias de fuzilamento, a violência, junto com as ameaças diárias, tornava o lugar cada vez mais distante da ideia de lar e segurança. Pessoas desapareciam a todo instante, eram mortas e delas não se sabiam mais notícias. Gullar poderia ser facilmente associado ao comunismo, ainda mais se soubessem de sua ligação partidária e de seu treinamento na Rússia. Um exílio dentro de outro exílio, o medo e o terror que os dias no Chile, principalmente nos seus últimos dias, somavam ao terror vivido no Brasil, porém, dessa vez, era um estrangeiro pisando em solo desconhecido:

Não esperamos 20 minutos, nem mesmo 10. O avião alcançou a cabeceira da pista, acelerou ao máximo as turbinas e iniciou a decolagem. Fiquei atento até sentir que as suas rodas deixavam o solo chileno. Agora eu estava em pleno ar, fora do alcance do inimigo. E, à medida que o avião subiu, fui mansamente afundando no sono. (GULLAR, 2010, p. 178).

Longe do Chile, longe do risco que estar ali representava, a sensação de alívio ganhava proporção à medida que o avião ia se afastando do solo chileno. No ar, longe de qualquer estado totalitarista, mais uma vez Ferreira Gullar havia conseguido escapar de uma ditadura. Estar fora do alcance do inimigo botava um fim no medo e no desconcerto dos últimos dias naquele país, naquele território estrangeiro. No entanto, iniciava uma nova jornada, pois no Brasil a ditadura militar ainda era uma realidade, não haveria possibilidades de retornar para o seu país, muito menos permanecer no Chile. Buenos Aires era novamente um destino transitório de quem está por passagem em busca de um lugar. Mas estava ali, no ar, longe de todos; o descanso de que a sua mente necessitava.

Tendo em vista o que o Tuan discorre sobre os conceitos de espaço e lugar, podemos compreender que o homem vivencia experiências distintas em relação ao mundo: quando ele se sente pertencer a um determinado meio, sentindo-se seguro, acolhido e nele constrói memórias e significados, este é um lugar. Para Tuan, “Não há lugar lar. O que é o lar? É a casa, o velho bairro, a velha cidade ou a pátria” (TUAN, 2013, p.3). A ideia de lar expressa muito bem o lugar, porque o homem constrói uma relação de afeto com o lar, por esses motivos que ele pode ser tanto uma casa, como um bairro, ou mesmo um país, por existir esse sentimento de afeição e valores que lhe são atribuídos.

## **Conclusão**

Ferreira Gullar, personagem dessas memórias escritas, retorna ao passado com um novo olhar sobre o que aconteceu nos anos de seu exílio. É muito fácil perceber essa relação de instabilidade com os espaços das memórias de seu passado. O Brasil antes era o seu lar, sua pátria e pertencimento. No entanto, quando o estado político transacionou e Gullar já não era apenas um escritor, mas um inimigo do governo, a sua permanência implicava em risco a sua própria existência. Logo, é possível perceber que, a partir dessas mudanças tão drásticas na vida da personagem, tem início uma jornada de abandono e orfandade que é experienciada a cada espaço alcançado em sua peregrinação. Por mais que em Moscou a sua experiência tivesse sido diferente da vivida em outros países, Gullar sempre se sentiu sozinho, deslocado e inseguro. O medo era companheiro dessa espera infinita pelo retorno.

Os espaços transitórios são tão incertos, quanto passageiros. A segurança de um lugar é efêmera como os dias em que se permanece nele. Para um exilado todo cuidado é mínimo, assim como tudo pode mudar em um só momento. O espaço é esse descobrimento do novo, um país a cada tempo, uma cidade, é necessário transitar e não criar raízes, nada é permanente. Por mais que se viva um momento de euforia, como o vivido por Gullar em Moscou, configura-se só mais um período de transitoriedade. A euforia termina tão breve, quanto o tempo de passagem; soma-se mais um adeus e uma despedida. Por mais que haja determinadas ligações com os meios, nada é como o anseio do retorno, que, aqui, é sem data marcada. Tão improvável, demorado e inseguro. O retorno para o Brasil seria marcado pelo fim da Ditadura Militar que, no entanto, já durava anos.

Como ser o mesmo homem diante de todos os absurdos contemplados pelos olhos de quem temia a própria vida? Como esquecer os anos de exílio, se, em cada solo, em cada nação, mais um distanciamento que lhe era imposto do seu lugar, até mesmo do seu próprio eu? Impossível, duro também para ser diluído. Nenhum território, por mais cômodo que fosse, confortável e acolhedor, poderia suprir a necessidade de retornar. O Brasil estava lá, a postos, a repressão cada vez mais endurecida; a todo momento, mais e mais notícias decorriam sobre aqueles que não tiveram o mesmo destino de Gullar. Dentro da sua própria prisão, vivenciada no espaço aberto do resto do mundo, ele também sofria pela perda, pela saudade e por todos os dolorosos conflitos de estar exilado em uma terra estrangeira, sem tempo para o retorno.

Com a publicação do *Poema Sujo* (1976), que provocou certa comoção social, foi possível que o escritor voltasse para as suas terras. No dia 17 de março de 1977, Ferreira Gullar embarcou em um avião retornando para o Rio de Janeiro, sem autorização legal para isso. Retornou por não mais suportar o exílio, os hematomas que a Ditadura havia provocado em sua vida e na vida da sua família. Desembarcou após oito horas de viagem e, assim que desceu do avião, no guichê da polícia, foi recepcionado por um cartaz onde estava escrito: “Ferreira Gullar ou José de Ribamar Ferreira – detê-lo” (GULLAR, 2010, p. 262), não era sinônimo de boas-vindas. Mas ainda assim, mesmo o país não estando disposto a recebê-lo de volta, retornar era o seu maior anseio.

## Referências

CARVALHO, José Murilo de. **Forças Armadas e Política no Brasil**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

DARDEL, Éric. **O homem e a terra**: natureza da realidade geográfica. Trad. Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2015.

GULLAR, Ferreira. **Rabo de foguete**: os anos de exílio. Rio de Janeiro: Revan, 2010.

NOUSS, Alexis. **Pensar o exílio e a migração hoje**. Trad. Ana Paula Coutinho. Portugal: Edições afrontamento, 2020.

RELPH, Edward. Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência de lugar. In: MARANDOLA JR, Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia de (Org). **Qual o espaço do lugar?** Geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2014.

SAID, Edward W. **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios**. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SANTOS, Viviane Aparecida. **Do ressentimento à cicatriz**: memória e exílio em Ferreira Gullar. 2010. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei, 2010. Disponível em: [https://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/mestletras/DISSERTACOES\\_2/do\\_recentimento.pdf](https://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/mestletras/DISSERTACOES_2/do_recentimento.pdf). Acesso em: 29 ago 2020.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. Trad. Livia de Oliveira. Londrina, PR: EDUEL, 2013.

\_\_\_\_\_. Lugar: uma perspectiva experiencial. **Geograficidade**, [S. l.], v.8, n. 1, 2018. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geograficidade/article/view/27150>. Acesso em: 29 ago. 2020.

VOLPE, Miriam L. **Geografias de exílio**. Juiz de Fora: Ed. da UFJF, 2005.

## IN TRANSIT SPACES IN FERREIRA GULLAR: EXILE AND THE FEELING OF BELONGING IN RABO DE FOGUETE

### Abstract

This study begins from the relations with space experienced by the character Ferreira Gullar during the years he spent in exile in other countries, due to the military regime that was established in Brazil during the year 1964. Understanding the exile and the impossibility to return to the place where he belonged, we have a character who goes through spaces looking for belonging, until he can return to Brazil. The Military Regime in Brazil lasted for over three decades, those who searched for exile in another country had experienced a clandestine and anonymous life. Therefore, we seek to understand how the character in *Rabo de foguete: os anos de exílio* (2010) connects with the surroundings from the sudden separation from his birthplace to all locations he went through. For this analysis to occur, we resort to theorists such as Yi-Fu Tuan in *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência* (1983), Éric Dardel with *O homem e a terra: a natureza da realidade geográfica* (2015), Edward W. Said *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios* (2003), Alexis Nouss in *Pensar o exílio e a migração hoje* (2020) and, finally, a Miriam L. Volpe *Geografias de exílio* (2005) for theoretical support.

### Keywords

Exile. Space and place. Military Regime. *Rabo de Foguete*.

---

Recebido em: 07/07/2021

Aprovado em: 03/02/2022